

## MUSICOTERAPIA NA ESCOLA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS INCLUSIVOS

### *MUSIC THERAPY IN SCHOOL: CHALLENGES AND PERSPECTIVES FOR THE CONSTRUCTION OF INCLUSIVE SPACES*

*Lindsay Fernandes da Silva<sup>1</sup>, Noemi Nascimento Ansay<sup>2</sup>*

---

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo pesquisar aspectos sonoro-musicais e atitudinais da interação social entre os estudantes, com e sem deficiência, em encontros de musicoterapia, realizados em uma escola de Educação Básica em Curitiba. A pesquisa foi de caráter exploratório e a metodologia utilizada foi a de pesquisa de campo. Os encontros oportunizaram a construção de um espaço de interação entre os alunos, apesar das barreiras atitudinais (que são descritas na pesquisa). Considera-se que a musicoterapia promoveu o desenvolvimento individual dos estudantes envolvidos e a possibilidade do exercício de práticas inclusivas.

**Palavras-chave:** musicoterapia, estudantes com deficiência, interação social, inclusão escolar.

**Abstract:** This article has the objective to research sound-musical and attitudinal aspects on social interaction between students, with and without a deficiency, in music therapeutic encounters, promoted in a basic education school in Curitiba. The research has exploratory character, and the methodology used will be field research. The music therapy meetings facilitated the construction of a space of interaction among the students, despite the attitudinal barriers (which are described in the research). It is considered that music therapy promoted the individual development of all students and the exercise of inclusive practices.

**Keywords:** music therapy, students with deficiency, social interaction, school inclusion.

---

## INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade a proposta de uma escola inclusiva, pressupõe o desafio de construirmos uma sociedade inclusiva, onde pessoas com deficiência tenham seus direitos garantidos em todos os âmbitos. No Brasil, a partir da década-

---

<sup>1</sup> Musicoterapeuta (UNESPAR). Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6735771240717584>.

<sup>2</sup> Docente do curso de Bacharelado em Musicoterapia da UNESPAR - FAP. Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2522951277654216>.

da de 1990 por meio de instrumentos legais, portarias e recomendações nos âmbitos Federal, Estadual e Municipal, a educação inclusiva passa a ser considerada como a forma mais adequada de atendimento aos estudantes com deficiência.

Nesse contexto, a inserção de encontros de musicoterapia em escolas inclusivas pode promover a construção de espaços inclusivos e potencializar diversos aspectos relacionados à interação social e ao desenvolvimento pessoal dos estudantes.

De acordo com Ruud (1990) as intervenções musicoterapêuticas têm como objetivo aumentar as possibilidades de ação do sujeito no aspecto individual, como no social. Cunha (2003) afirma que a música pode fornecer meios para a expressão e estimular a verbalização possibilitando uma interação com a realidade em que se está inserido.

Na musicoterapia as limitações e diferenças são vistas com respeito, possibilitando que os estudantes percebam a forma com que os colegas expressam suas preferências e sentimentos. Nesse processo, permeado pela música, se pretende que os receios causados pelas diferenças vão se desconstruindo, possibilitando a interação social.

## 1. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada em uma escola de Educação Básica regular da cidade de Curitiba<sup>3</sup>. Para a seleção da amostra foram analisadas turmas do 1º ao 5º ano em que havia algum estudante com deficiência. A turma do 5º ano foi selecionada, por atender ao critério estabelecido de ter estudantes com deficiência<sup>4</sup>.

Os encontros foram semanais, com duração de 30 a 45 minutos, durante o período de seis semanas, totalizando seis encontros. Os dados da pesquisa de campo foram obtidos através de vídeo, para posterior análise, relatórios dos atendimentos e preenchimento de uma ficha de observação a cada encontro.

---

<sup>3</sup> Por se tratar de uma pesquisa com seres humanos, o projeto foi previamente submetido e aprovado pelo Comitê de Ética, do Campus Curitiba II, Nº CAAE 57148316.9.0000.0094

<sup>4</sup> Para realização da pesquisa foi solicitado que os pais ou responsáveis assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizando a participação dos menores na pesquisa

Os resultados foram analisados através de uma análise temática em uma perspectiva qualitativa de pesquisa (GIL, 1991) considerando a interação social entre os estudantes.

## 2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O grupo foi formado por 11 alunos (sete meninos e quatro meninas), dez deles são do 5º ano e um é do 1º ano, que faz as aulas especiais, lanche, recreio e corrida com a turma do 5º ano, e por isso foi incluído no grupo. Destes 11 alunos, oito têm 10 anos, um tem 9, um tem 16 anos e um tem 18 anos.

Esse grupo tem dois alunos com deficiência, um deles é o Luciano (nome fictício), de 16 anos, que estuda na turma do primeiro ano e faz algumas atividades com a turma do 5º ano. Ele apresenta um atraso intelectual, e ainda não está alfabetizado, tem dificuldades na articulação oral, mas é possível compreender o conteúdo da fala. Outro aluno com deficiência é o Everton (nome fictício) de 18 anos, estuda no 5º ano, tem diagnóstico de paralisia cerebral e atraso intelectual, anda e fala com dificuldade. Ele é alfabetizado, mas devido às dificuldades motoras nem sempre acompanha o ritmo da turma na escrita e recebe atividades adaptadas ou auxílio da professora.

Nos seis encontros de musicoterapia foram oportunizadas diversas experiências musicais, por meio de métodos recreacionais, improvisativos, composicionais e receptivos, sempre de maneira lúdica e propondo interações e intervenções com a participação de todos. (BRUSCIA, 2016).

Foram consideradas como interação social entre estudantes com e sem deficiência, as experiências sonoro-musicais que envolveram: cantar, tocar, compor e improvisar coletivamente, sugerir e oferecer canções, aceitar o repertório musical dos colegas, compartilhar instrumentos musicais, aceitar as diferentes manifestações sonoro-musicais dos estudantes com deficiência.

Apresentamos, no Quadro 1, uma síntese das experiências sonoro-musicais utilizadas nos seis encontros de musicoterapia, bem como as atitudes de oferecer, compartilhar instrumentos musicais e oferecer canções para os colegas.

Quadro 1: Experiências musicais nos encontros de musicoterapia

Encontros de musicoterapia	1º	2º	3º	4º	5º	6º
Recreacionais	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Improvísativas	Sim	Sim	Não	Não	Sim	Sim
Composicionais	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
Receptivas	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Oferecer canções	Sim	Não	Não	Não	Não	Não
Oferecer instrumentos musicais	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim

Fonte: atendimentos de musicoterapia na Escola (2016).

Observa-se que em todos os encontros, as experiências recreacionais, realizadas por meio do cantar e do tocar juntos, estiveram presentes, sendo o método musicoterapêutico mais utilizado pelos estudantes. Bruscia (2016) afirma que podem ser alcançados, por meio dessa experiência musical, objetivos como promover habilidades de interpretação, de comunicação de ideias e sentimentos; promover identificação e empatia com os outros; aprender a desenvolver funções chave em situações interpessoais; melhorar habilidades interativas em grupo, entre outros. As variações vivenciadas foram recriação instrumental, recriação vocal, atividades e jogos musicais.

Nessas experiências o grupo demonstrou ser crítico quanto à estética musical, se a execução estava correta ou não. Era comum ouvir a frase “toca certo”, “não é assim, precisa tocar certo”. Além disso, na recriação as experiências passavam pelas preferências musicais do grupo, que eram bastante heterogêneas, o que fazia com que a experiência, algumas vezes, fosse muito interessante para alguns e pouco para os outros. Em contrapartida, como as músicas utilizadas foram retiradas das preferências musicais dos participantes do grupo, a recriação foi uma forma de compartilhar, de tornar grupal algo antes individual.

Em relação à participação do Luciano e Everson, estudantes com deficiência, foi perceptível que ambos participavam ativamente, tocando e cantando com os demais. Ocasionalmente Luciano era corrigido pelos colegas, ao tocar na opinião dos colegas “errado”; o grupo demonstrava neste sentido pouca tolerância com as manifestações sonoras do referido aluno.

Quanto à improvisação, em quatro encontros foi possível verificar uma coesão grupal, os estudantes com deficiência participaram de forma espontânea, usando os instrumentos que haviam selecionado, percussão corporal e sons

onomatopaicos. Nessas experiências o grupo improvisou e explorou sons e instrumentos coletivamente, sem criticar ou apontar a forma do outro se expressar. A produção coletiva foi se tornando mais coesa e estruturada progressivamente no decorrer dos encontros.

Para Bruscia (2016) a experiência de improvisação pode ter como objetivos: estabelecer um canal de comunicação não verbal; explorar aspectos do eu, na relação com os outros; desenvolver habilidades interpessoais ou de grupo; desenvolver capacidade de respeito e intimidade interpessoal, entre outras. Entre as variações mais vivenciadas nos nossos encontros, estiveram a improvisação instrumental não referencial, improvisação corporal e improvisação com múltiplos meios.

Quanto à experiência da composição, ela aconteceu em um único encontro. A proposta surgiu após uma discussão realizada com o grupo sobre as paralimpíadas, pois o evento esportivo estava ocorrendo naquela semana. A pesquisadora sugeriu dividir o grupo em três equipes, cada uma, com dois ou três estudantes, para que cada equipe ficasse responsável por uma parte da canção. Ao final todas as partes foram unidas e cantadas pelo grupo. A composição era uma paródia da canção “*Happy*” (Pharrel Williams).

Nesse dia, o Everton faltou, mas o Luciano, participou ativamente, tanto na discussão sobre o tema, como na construção do verso da canção. Os colegas expressaram admiração pelos atletas paraolímpicos, destacaram os resultados apesar das limitações físicas e se referiram à deficiência dos colegas do grupo de forma indireta, por meio de olhares e gestos para a musicoterapeuta.

Para Bruscia (2016) a experiência de composição tem como os principais objetivos: desenvolver habilidades de comunicar e registrar experiências internas, promover a exploração de temas terapêuticos, desenvolver a habilidade de integrar partes em um todo, entre outros. A única variação dessa experiência vivenciada foi a transformação de canção, onde se observou sentimentos relacionados à empatia, interação social e superação de dificuldades.

Já, nas experiências receptivas (BRUSCIA, 2016), percebeu-se que o Luciano e Everton ficavam atentos, tanto às canções, músicas, como as consignas feitas pela pesquisadora, comportamentos que nem sempre eram vistos, nos demais colegas, que se distraíam ou conversavam entre si.

Quanto à atitude de oferecer canções, foi possível constatar que esta apareceu apenas no primeiro encontro, onde alguns alunos escolheram canções, tais como “O caderno” (Toquinho), “*We will rock you*” (Queen), e “A história de um mamute” (El bando), e ofereceram ao grupo.

A atitude de oferecer instrumentos para os colegas, foi realizada no quinto e no sexto encontro. No quinto, os instrumentos foram colocados no meio da roda para que realizassem um improviso, mas para realizá-lo cada participante escolheria um instrumento para outro utilizar na improvisação. Esta proposta foi utilizada de forma estratégica, após a percepção de que o grupo era competitivo em relação à escolha dos instrumentos, e que todos participantes queriam pegar os “melhores” instrumentos, que segundo eles eram o pandeiro, a meia lua, o xquerê e o mini tambor. Luciano e Everton costumavam ser os últimos a receber instrumentos, e algumas vezes eles acabaram oferecendo um para o outro, os outros participantes do grupo, mostraram pouco interesse em interagir com eles.

Quanto aos aspectos relacionados à interação social a partir de aspectos atitudinais, de forma geral, o grupo foi bastante disponível, participativo, alegre, animado, conseguiu se ouvir e ouvir as propostas. O grupo manteve uma mesma formação nos seis encontros, meninas à esquerda da estagiária e meninos à direita. Entre as meninas, todas exerceram papel de liderança, entre os meninos dois, demonstravam comportamentos agitados e lideravam os demais, especialmente nas atitudes humorísticas, engraçadas, ou nas atitudes indisciplinadas.

Quanto à proximidade física, se observou que havia uma reserva em relação aos estudantes com deficiência: Luciano e Everton, sentavam sempre no mesmo lugar, ao lado dos meninos e não houve nenhuma intenção dos demais colegas de sentarem ao lado deles e nem de uma maior aproximação corporal.

Também não foi possível constatar vínculos de amizade entre os estudantes com e sem deficiência, havia “panelinhas”, pequenos grupos, que mantinham entrosamento durante os encontros, mas, apesar dos participantes Luciano e Everton, demonstrarem grande interesse pela amizade dos colegas, não havia uma reciprocidade. Não houve atitudes de apoio à acessibilidade, nem preferência ou consideração às especificidades desses alunos.

Quanto à atitude de “aceitar as diferentes manifestações sonoro-musicais dos alunos com deficiência”, pode-se dizer que, de modo geral, estas manifestações foram aceitas. Houve apenas um encontro onde alguns participantes apontavam e corrigiam a forma com que Luciano executava a percussão corporal, dizendo que ele estava fazendo errado. Mas, além desta, não houve outras manifestações verbais ou atitudinais que denotassem que o grupo não tenha aceitado alguma manifestação sonoro-musical dos estudantes com deficiência. Em todos os encontros foi possível verificar aceitação das diferentes formas de comunicação, além do respeito às diferenças desses participantes.

Quanto à participação dos estudantes com deficiência, na interação coletiva, foi possível perceber que ela ocorreu em todos os encontros. Algumas vezes, quando apareciam situações tensas ou de desconforto por parte de qualquer integrante do grupo, a pesquisadora mediava as relações para que ocorressem da forma mais fluida.

Segundo Cunha (2016), ao trabalhar com grupos, “cabe ao profissional que atua como mediador, a preparação para acolher, apoiar e potencializar o desenvolvimento individual e coletivo dos participantes”. (p. 24). Neste sentido, cabe ao musicoterapeuta, como mediador, atuar na relação entre os participantes e a música, interagindo e intervindo de acordo com seus objetivos terapêuticos.

Observou-se no aspecto atitudinal, que apesar de não haver manifestações diretas de exclusão, a interação entre os participantes não acontece de forma espontânea, necessitando da mediação do “outro” para que ela ocorra.<sup>5</sup>

Neste sentido, Louro (2012), afirma que, ainda que se fale sobre inclusão, ao tentar vivenciá-la encontramos barreiras atitudinais, que muitas vezes são comportamentos inconscientes, fruto da história social de discriminação herdada de nossos antepassados. Uma destas barreiras é o Estigma, um termo grego que se referia a sinais corporais, cortes ou queimaduras, usados para evidenciar algo extraordinário ou mau sobre a pessoa que o apresentava, geralmente escravos e criminosos. Atualmente o termo não se restringe a sinais físicos, mas mantém sua essência, de uma marca que exclui uma pessoa por determinado motivo.

---

<sup>5</sup> O fato da pesquisa se restringir a seis encontros, também foi um fator limitante, para trabalhar este aspecto com maior profundidade.

Ao trabalhar a favor da inclusão é impossível não se deparar com esta e outras barreiras atitudinais. Nos encontros de musicoterapia isto ficou notório, pois a própria configuração espacial do grupo demonstrou que os estudantes com deficiência estavam no grupo, mas ao lado, fazendo alianças com quem conduzia o grupo e não com seus pares.

Para auxiliar no processo de inclusão, a musicoterapia pode ser uma ferramenta para desfazer ou transpor essas barreiras, proporcionando um espaço para vivenciar a música em grupo, onde virtuosismo e estética podem ser deixados em segundo plano, e a interação sonora musical seja objetivo principal. Lemos (2014) afirma que a música é uma atividade socializante, “pois diz respeito às formas como cada pessoa ou grupo trabalha sonoramente sua própria imagem, seus anseios e suas articulações com o meio a que pertence.” (p. 34)

Outra constatação da pesquisa foi referente à disposição e esforço dos alunos com deficiência para participarem da forma mais natural e comum possível das ações do grupo, fossem elas sugeridas pela pesquisadora, ou por participantes do próprio grupo, ainda que o grupo não demonstrasse o mesmo interesse em relação a eles. Quanto a essa atitude Goffman (1988) afirma que, muitas vezes o indivíduo estigmatizado, a partir da auto aceitação de sua condição, adquire certas habilidades para lidar com situações sociais adversas, às quais está constantemente exposto. Quando este percebe que outros indivíduos têm dificuldade de ignorar sua deficiência, estes se esforçam conscientemente para aliviar o clima de tensão facilitando assim a interação face a face.

Conclui-se, a partir dos aspectos analisados, que a escola é um espaço para o exercício de práticas inclusivas, das quais fazem parte, toda comunidade escolar: professores, alunos, funcionários e também os terapeutas que podem atuar como mediadores no processo. Os encontros de musicoterapia oportunizaram a interação entre os estudantes e apesar das barreiras atitudinais descritas, os atendimentos promoveram o desenvolvimento individual de todos os estudantes e a possibilidade do exercício de práticas inclusivas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUSCIA, Kenneth E., *Definindo Musicoterapia*. trad. por Marcus Leopoldino. Dalas: Barcelona Publishers, 2016.

CUNHA, Rosemyriam. *Jovens no espaço interativo da musicoterapia: o que objetivam por meio da linguagem musical*. 2003.169 f. Dissertação (mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

\_\_\_\_\_. Uma perspectiva da atividade musical em grupo: musicoterapia social e comunitária. *Cuadernos de Música, Artes Visuales y Artes Escénicas*, v. 11, n. 2, 2016.

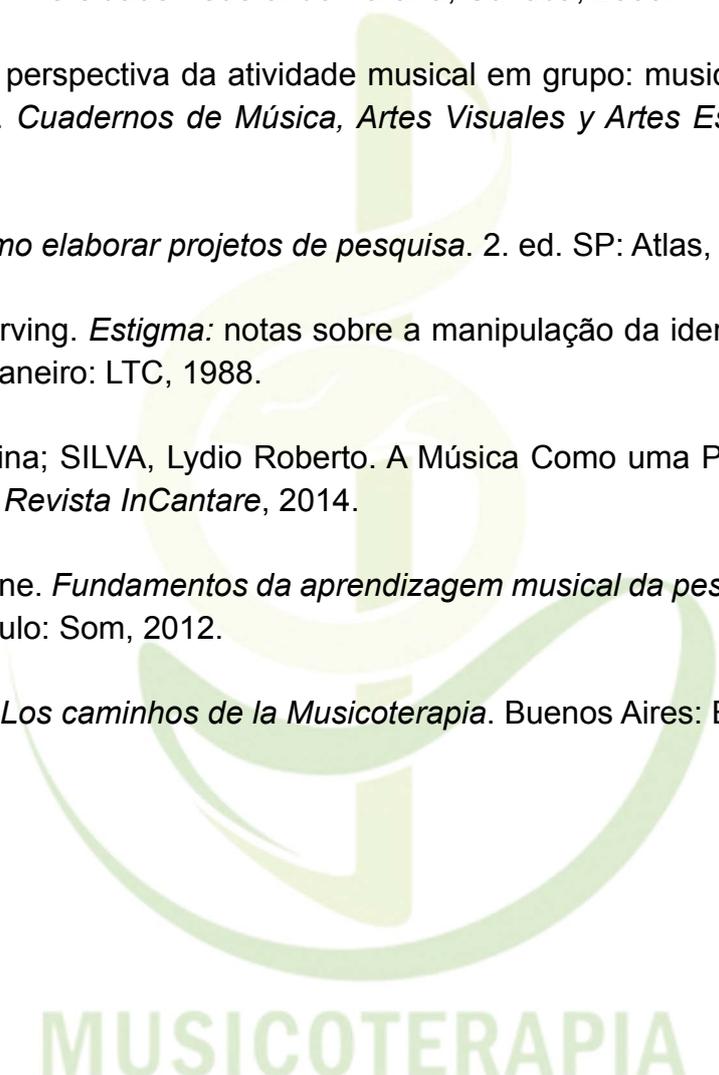
GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 2. ed. SP: Atlas, 1991. 230 p.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

LEMOS, Cristina; SILVA, Lydio Roberto. A Música Como uma Prática Inclusiva na Educação. *Revista InCantare*, 2014.

LOURO, Viviane. *Fundamentos da aprendizagem musical da pessoa com deficiência*. São Paulo: Som, 2012.

RUUD, Even. *Los caminos de la Musicoterapia*. Buenos Aires: Bonum, 1990.



MUSICOTERAPIA